

CAPÍTULO 9

LEVANTAMENTO PRELIMINAR DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA CAPELA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (“CAPELA DO TAIM”), RIO GRANDE, RS: UM CASO DE IDENTIFICAÇÃO E AFETIVIDADE

DOI: [http:// dx.doi.org/10.18616/plansus09](http://dx.doi.org/10.18616/plansus09)

Paola Vieira da Silveira

Láise Niehues Volpato

Hélen Bernardo Pagani

Silvia Aline Pereira Dagostim

Josiel dos Santos

Gislaine Beretta

Juliano Bitencourt Campos

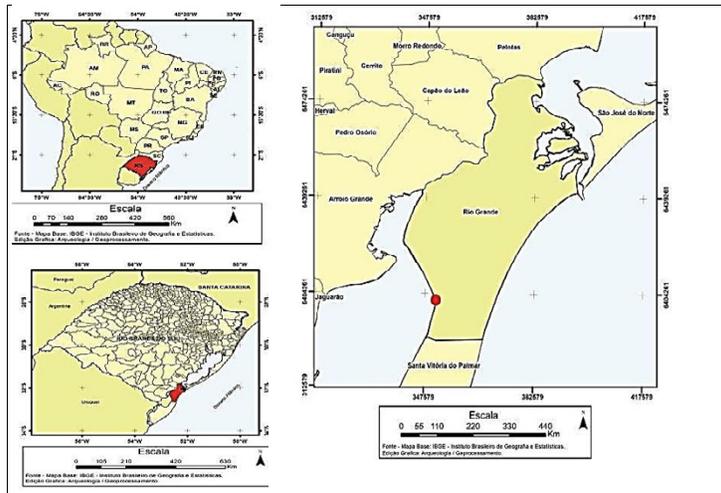
VOLTAR AO SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

No processo histórico de formação e consolidação de povoados, vilas e cidades na América Latina, a religiosidade ocupou um papel de relevo na construção identitária das comunidades locais. Igrejas, capelas e festas religiosas representaram, e ainda hoje representam, uma forte presença, quase sempre imponente, de intensa ligação com os moradores do seu entorno. Não por acaso, a ampla maioria de vilas e cidades teve sua gênese urbana ao redor desses templos religiosos. Assim, não raras vezes, essas edificações se impõem como testemunhas de um passado fundante e como expressão material que converge todo um amálgama cultural e simbólico de determinada comunidade.

Assim se percebe a presença da Capela Nossa Senhora da Conceição na área urbana do Núcleo Autônomo da Capilha, 4º distrito do município de Rio Grande, litoral sul do estado do Rio Grande do Sul. Essa edificação está situada na margem oriental da Lagoa Mirim, no interior da estação ecológica do Taim, como é possível observar a seguir:

Figura 1 - Localização da Capela Nossa Senhora da Conceição às margens da Lagoa Mirim



Fonte: Acervo dos Autores.

Apresentamos aqui os resultados de um levantamento preliminar, motivado por manifestação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no âmbito de um projeto de arqueologia preventiva em empreendimento linear, acerca do estado de conservação realizado na referida capela no primeiro semestre do ano de 2016. Buscamos apresentar as ações efetuadas para sua contextualização histórica e arquitetônica, bem como a avaliação da situação de sua conservação, destacando, por fim, a forma contundente como essa capela, apesar do estado precário de sua edificação, encontra-se inserida dentro do universo cultural, social e afetivo da comunidade. Universo esse que também é percebido pelo público que visita o Parque do Taim, cuja capela é um atrativo turístico.

Como ressalta Meneses (2012, p. 32, grifo no original):

[...] falar e cuidar de bens culturais não é falar de coisas ou práticas que tenhamos identificado significados intrínsecos, próprios das coisas em si, obedientemente embutidos nelas, mas é falar de coisas (ou práticas) cujas propriedades, derivadas de sua natureza material, são seletivamente mobilizados pelas sociedades, grupos sociais, comunidades, para socializar, operar e fazer agir suas ideias, crenças, afetos, seus significados, expectativas, juízos, critérios, normas, etc., etc. – e, em suma, seus *valores*.

Nesse sentido, entende-se que o levantamento prévio, exposto a seguir, não trata tão somente da materialidade de tal edificação, mas de toda a gama de relações, afetividades e memórias que ela evoca e da qual é parte e participante dentro da história e do cotidiano da comunidade, como é visivelmente percebido na forma como os moradores cuidam (dentro de suas possibilidades) e referem-se a ela.

Lemos (1981, p. 69) aponta que “[...] a primeira norma de conduta ligada ao ‘como preservar’ é manter o bem cultural, especialmente o edifício, em uso constante e sempre que possível satisfazendo a programas originais”. Ou seja, é fundamental considerar o uso do bem que se pretende preservar e sua

inserção no cotidiano da comunidade. Com efeito, percebeu-se um evidente interesse por parte da comunidade da Capilha pela manutenção das atividades relacionadas à igreja, haja vista que, além das narrativas das pessoas demonstrando ligação afetiva com a capela, ainda são realizadas práticas litúrgicas periodicamente em suas dependências.

A Capela do Taim em perspectiva histórica

Considerando a localidade do Taim como a ampla área onde hoje se localiza a Reserva Ambiental do Taim e seu núcleo urbano composto predominantemente por pescadores e agricultores, tem-se que a formação desse núcleo estaria ligada justamente à presença de uma guarda, no contexto das disputas de fronteiras entre as coroas portuguesa e espanhola, que são evidenciadas na história regional (MURADÁS, 2008; ACRUCHE, 2017; COMISSOLI, 2014). A instalação dessa guarda traria consigo, assim, outros elementos comuns às constituições das localidades coloniais, como pontos comerciais, oratórios e capelas. Nesses locais se instalavam, ainda, além dos militares, diversos tipos de colonos e indígenas (FURG, 2010).

Quanto à formação inicial da comunidade, Alves e Torres (2016), ao trazerem relatos de André Ribeiro Coutinho, Mestre de Campo que assumiu o governo de Rio Grande de São Pedro de 1737 até 1740, apontam que

No Forte São Miguel, em Taim, Albardão e Mangueira, quartéis para os oficiais e soldados de sua guarnição. [...] e todos os sobreditos quartéis, armazéns e mais obras de pau a pique e barro, e as dos oficiais assoalhadas e forradas. Pelo que pertence às fortificações [...] no Passo do Taim, construí um reduto [...] (ALVES; TORRES, 2016, p. 26).

Assim, pode-se observar nesse relato que já na primeira metade do século XVI iniciou-se a formação de um incipiente povoado na localidade, associado aos movimentos militares característicos da fronteira.

Quanto à edificação da Capela, as datas referentes à sua construção são oscilantes. Uma referência foi encontrada em documento cartográfico de 1777, intitulado “Carta Corographica que compreende a Barra do Rio Grande de São Pedro e o terreno que medea entre a Freg^a do Estreito, o Arroyo de Taim e Campos de Pirateni”. Nele, além de constarem a presença dos destacamentos e das fortalezas militares da região, incluiu-se a menção a uma capela que teria existido às margens da Lagoa Mirim, na altura da atual comunidade de Capilha (FURG, 2010).

Algumas considerações podem ser feitas acerca dos dados cartográficos. A Capela citada como já não existente em 1777 pode ter sido instalada pelos espanhóis, durante a ocupação ocorrida entre 1763 e 1776. A Capela pode ter sido também instalada pelos portugueses e desativada durante a ocupação espanhola, sendo mais tarde o local utilizado pelos portugueses para a instalação da Guarda de Dragões. O topônimo *Capilla* é um indício de haver sido esta uma Capela espanhola. Contudo, não é um dado definitivo, pois os espanhóis podem ter passado a chamar de *Capilla* durante a ocupação a uma Capela portuguesa pré-existente. Supondo que a guarda criada por Ribeiro Coutinho tenha existido até a ocupação espanhola, esta teria então sido abandonada após 1763. A capela da guarda militar teria então perdido sua manutenção. Assim, em 1777, a Capela já não existia. Sendo assim, teve que ser reconstruída a partir do final do século XVIII. (FURG, 2010, p. 27).

Essa reconstrução teria sido executada em 1844, indica o relatório da FURG (2010, p. 29). No entanto, Queiroz (1987) aponta para a presença de registros de casamentos celebrados já em 1801 em um oratório em Taim.

O relato de Auguste de Saint-Hilaire, viajante que passou pela região no início do século XIX, dá alguns vislumbres da importância que a Capela tinha dentro das atividades religiosas regionais, constituindo-se como relevante entreposto católico entre Rio Grande e a fronteira meridional:

Num espaço de cerca de duas léguas após a Estância do Velho Terras até Capilha, o terreno é absolutamente semelhante ao que atravessei nos dias precedentes; é, também, plano e coberto de um relvado muito raso, onde florescem, ainda, as mesmas plantas que indiquei no diário de 20. No caminho, encontrei um homem que mora a trinta léguas daqui, e que voltava para casa, em companhia da mulher. Todos, nesta região, são exímios cavaleiros, razão por que fazem longas viagens a cavalo. Conversando com o homem de que acabo de falar, soube que em São Miguel, em Santa Teresa e seus arredores havia um grande número de estancieiros completamente jejunos em religião; que muita gente jamais se confessou, e até se encontra mesmo quem, na idade de quinze ou dezesseis anos, jamais assistiu missa; o que não é muito de admirar, pois que, *entre a fronteira e Rio Grande, somente se reza missa em Capilha*, onde passei hoje. (SAINT-HILAIRE, 2002 [1881], p. 136-137. Grifos nossos).

Saint-Hilaire relata, ainda, sua impressão acerca da comunidade onde se localizava a Capela e sobre seu contexto local, dando-nos informações que permitem acreditar que de fato está falando da Igreja de Nossa Senhora da Conceição. A proximidade com a lagoa Mirim e a descrição do ambiente e da localização geográfica são, com efeito, importantes elementos para essa constatação.

Capilha é simplesmente uma aldeia, composta de algumas choupanas e de uma pequeníssima capela subordinada à paróquia do Rio Grande, mas sem capelão. Essa aldeia está situada numa posição muito agradável, às margens da lagoa Mirim. Silvério disse-me que sua casa ficava a cinco léguas do lago e a cinco do mar. Abaixo de Caiová, o istmo começa a se estreitar. Meus hospedeiros de ontem à tarde asseguraram-me que sua habitação ficava somente a duas léguas do lago, e a três do oceano; em Capilha, não há mais que duas léguas entre o lago e o mar. De Capilha até aqui, num espaço de três léguas, viemos

sempre contornando o lago, caminhando por uma praia triste e monótona, coberta de areia fina e esbranquiçada. (SAINT-HILAIRE, 2002 [1881], p. 137).

Conforme indicam Dode *et al.* (2009), escavações arqueológicas revelaram que a edificação atual não é a original. Essa informação corrobora os relatos da comunidade de que, em meados de 1870, a capela havia caído, restando apenas a capela-mor (altar). A edificação atual, portanto, seria a terceira construção da igreja. As escavações também apontaram que a edificação atual foi construída sobre um antigo cemitério, possivelmente adjacente à estrutura das igrejas anteriores.

Conforme o relatório da FURG (2010), em 1846, foi criada, por Lei Provincial, a paróquia Nossa Senhora da Conceição. Entre os anos de 1871 e 1889, houve uma intensa troca de párocos na Capela, mostrando a instabilidade da administração eclesiástica na região. A renda da população era muito baixa para manter de maneira fixa um padre. Não ter um pároco na comunidade para provê-la e arrecadar fundos para a manutenção da Capela fez com que a construção ficasse sujeita à ação do tempo e de intempéries (FURG, 2010).

Durante o século XX, foram efetuadas intervenções pelo poder público do município de Rio Grande, RS. Todavia, atualmente a Capela está interdita para o uso pela comunidade, permanecendo fechada. No entanto, em um esforço coletivo da população, ela permanece como elemento essencial para suas práticas religiosas, com celebrações sendo realizadas frequentemente pelos moradores locais.

MÉTODO DE LEVANTAMENTO DE CAMPO

As atividades de campo contemplaram entrevistas informais com os moradores da localidade do Núcleo Autônomo da Capilha a fim de serem coletados dados pertinentes à sua história e à percepção que a comunidade tem da Capela. Realizou-se, também, o percurso do entorno, de forma a identificar as relações da estrutura da Capela com a paisagem circundante e o vínculo da população com ela.

Outra ação efetuada durante as atividades de campo foi a composição de uma robusta documentação fotográfica, compreendendo áreas externas e internas, inclusive o entorno próximo da Capela, permitindo a caracterização e a avaliação de sua situação. Nesse mesmo contexto foram identificadas e registradas eventuais intervenções ou outras ocorrências na edificação, que acarretaram alterações em suas características. Por meio de observação simples, essas ameaças ou impactos na edificação foram avaliados.

Entende-se essa ação como um levantamento preliminar que contribui com subsídios para possíveis ações posteriores que visem à manutenção, restauração e preservação da edificação. Assim, os elementos aqui descritos são apresentados no sentido de proporcionar informações acerca de seu estado atual de conservação, bem como da forma como a comunidade se relaciona com esse local, apontando para seus usos e significados dentro da vida social e religiosa da comunidade.

RESULTADOS

A edificação, reconstruída em tijolo maciço, tem sua entrada principal voltada para uma praça, a qual é composta por caminhos e canteiros que acolhem atividades infantis por meio de um *playground*, possuindo ainda locais de estar espalhados por seu perímetro, próximo a uma figueira, bem como próximo à lagoa Mirim, permitindo a valorização da paisagem. Segundo relatos de moradores da localidade, durante a alta temporada, muitos turistas procuram a capela, ficando evidente que a edificação histórica, marcada pelos domínios português e espanhol em diferentes momentos da história, tem sua gama de relações e significações para além da comunidade. Aliás, vale dizer que sua potencialidade turística é uma importante aliada para a sua restauração e preservação.

Figura 2 - Fachada principal da Capela com acesso voltado para a praça



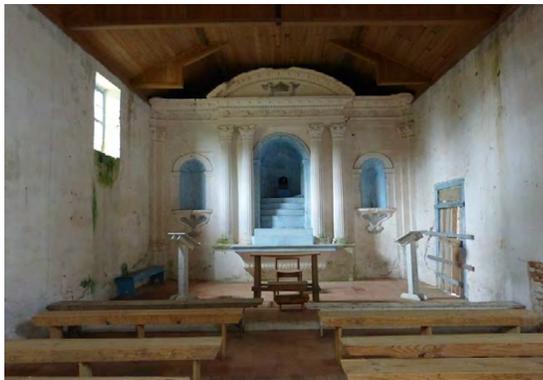
Fonte: Acervo dos Autores.

A porta principal de acesso encontra-se envolta por dois pilares de seção circular parcialmente embutidos, finalizados por capitéis de ordem jônica, os quais possuem coroamento marcado por um entablamento, que recebe frisos decorados com triglífos e elementos florais (FURG, 2010). Suas fachadas laterais e de fundos não apresentam relevantes elementos decorativos. Na porção leste da fachada (lado esquerdo) está localizada uma área, que teria sido ocupada por um cemitério, delimitada por muro. Já na porção oeste (lado direito), próximo da lagoa Mirim, está posicionado um anexo, conhecido por sacristia, em razão de ele permitir acesso direto ao altar.

O interior da edificação, representado pela simplicidade neoclássica (verificação *in loco*), também não apresenta muitas riquezas em detalhes. A decoração interior está reservada ao retábulo-mor e à pia batismal, esta confeccionada em argamassa e incrustada na parede frontal. Três nichos elaborados para abrigar imagens sacras estão localizados no retábulo-mor, o qual foi construído em alvenaria assentada com cal e areia e revestido com argamassa do mesmo material. O nicho central é marcado pela presença de quatro pilares, dois de cada lado, de seção circular semiembutidos, como os da fachada.

da principal, porém marcados por características da ordem coríntia (FURG, 2010). Outras representações presentes no retábulo-mor são pilares de seção retangular, também parcialmente embutidos, localizados nas arestas da parede, proporcionando o acabamento entre a parede do altar e a lateral da Capela.

Figura 3 - Vista interna da Capela em direção ao altar, ao fundo o retábulo



Fonte: Acervo dos Autores.

A seguir, descrevemos de forma sumária as observações efetuadas em campo. Procurou-se, por meio da observação e de conhecimento prévio das características arquitetônicas, identificar descaracterizações do bem por materiais não contemporâneos de sua construção, bem como de degradações em sua estrutura. Durante as atividades de campo, foram observadas várias patologias, das quais algumas se repetem em outros pontos da edificação. Destacamos a presença de rachaduras, de descolamento de reboco e de elementos da fachada; a exposição da estrutura às intempéries; a existência de vegetação embrenhada na fachada, de infiltração e de umidade, que contribuem para o escurecimento das paredes externas, além da alteração da coloração das paredes na face interna; do apodrecimento de elementos em madeira, esquadrias e forro; da oxidação de elementos de ferro; da presença de insetos, como cupins, pulgas, abelhas e isópodes terrestres, e de aranhas. As patologias identificadas serão, para uma melhor organização das informações, divididas em parte externa

e interna da edificação. Para maiores detalhes de suas localizações, consultar Campos e Oliveira (2016).

Área Externa

Na parte externa da Capela, foram identificadas como patologias fissuras na alvenaria; descolamento de reboco, permitindo que a alvenaria fique exposta a intempéries; presença de isópodes terrestres (grande quantidade); escurecimento da pintura das paredes em razão da umidade; alguns pontos sem telhas, e outros com telhas deslocadas, comprometendo o interior da edificação; presença de vegetação (em alguns casos, agravando o processo de descolamento de reboco da fachada); alguns segmentos do reboco com vestígios conquiológicos incrustados na massa; e degradação dos elementos de madeira. Muitos desses elementos estão presentes na fachada principal da Capela, que se encontra em escasso estado de conservação. Observamos tais elementos em fotos:

Figura 4 - A) Degradação dos elementos de madeira (porta); B) Fissuras intensas próximas ao óculo, apresentando risco de queda de elementos da fachada; C) Vegetação incrustada na alvenaria; D) Descolamento de reboco



Fonte: Acervo dos Autores (2016).

É possível observar tentativas recentes de reverter tal situação, as quais se pode observar, realizadas pela comunidade. No entanto, os materiais utilizados confrontam com a linguagem dos seus materiais originais. Argamassa em cimento foi utilizada na tentativa de recuperar danos causados pelas fissuras e pelos descolamentos de reboco, e há a presença de “grampo” metálico com o objetivo de manter sua estrutura firme.

Figura 5 - A) Material cimentício aplicado recentemente; B) Grampos metálicos



Fonte: Acervo dos Autores.

Há uma construção anexa, possível antiga sacristia, visto que tem ligação com o interior da Capela através de um vão situado no altar, que atualmente se encontra fechado por madeiras, restringindo a entrada. Esse anexo também permite o acesso aos fundos do retábulo-mor por meio de uma pequena passagem. Segundo Dode *et al.* (2009), um estudo estratigráfico realizado durante as escavações mostra que essa antiga sacristia foi construída em momento posterior à construção da atual Capela. O anexo sofre com as mesmas degradações já citadas da Igreja e ainda não possui esquadrias de fechamento, como porta e janela. Não foram identificados nem mesmo resquícios de madeira nesses locais, fato que possibilitou pichações, como é possível perceber a seguir:

Figura 6 - A) Fachada do Anexo, sacristia, com visível inserção de material recente; B) Área interna da sacristia, com paredes pichadas



Fonte: Acervo dos Autores.

Na porção oeste, externa à Capela, é possível observar no solo vestígios de possíveis paredes e/ou muros. Esses vestígios vão ao encontro dos resultados do levantamento arqueológico realizado em 2007 pela equipe da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Essas escavações, realizadas pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – LEPAN, sob a coordenação da arqueóloga Beatriz Valladão Thiesen, visavam complementar os poucos dados sobre sua construção, como acréscimos e modificações sofridas, funções primitivas e atuais, além de vestígios históricos, materiais originais e pinturas da época da construção. Conforme Dode *et al.* (2009), os estudos arqueológicos indicam que essas linhas de tijolos são sapatas de uma antiga sacristia, sugerindo, ainda, ser a base para uma estrutura de madeira construída posteriormente à edificação da igreja.

Figura 7 - Vestígios de paredes e muros



Fonte: Acervo dos Autores.

Área Interna

Na área interna da Capela do Taim, algumas degradações se repetem e outras estão surgindo. Foram identificados descolamentos de reboco, deixando a alvenaria exposta à umidade; presença de grandes manchas nas paredes em razão da umidade e das infiltrações; raízes de vegetação presentes na fachada, que atravessam a estrutura e permanecem aparentes também no interior (essa situação, além de contribuir para a queda de reboco e o aumento da umidade, pode comprometer gravemente a estrutura); desgaste dos elementos de madeira, com aberturas em evidente estado de degradação, restando apenas partes das esquadrias.

Figura 8 - A) Detalhe do nicho localizado na lateral esquerda do retábulo, parte superior, com presença de fissuras; B) Raízes de vegetação, presentes na fachada, penetram a estrutura e permanecem expostas no interior da Capela, ocasionando a queda de reboco; C) Elementos de madeira da porta principal, trechos em estado de apodrecimento. D) Aberturas em madeira, apresentando a ausência de elementos e degradação da estrutura remanescente



Fonte: Acervo dos Autores.

Na tentativa de melhorar a degradação da estrutura, algumas medidas foram realizadas, possivelmente pela comunidade, também na parte interna. Uma viga de concreto foi instalada, buscando-se a estabilidade da edificação; o forro apresenta sinais de intervenção recente, observada principalmente pela obstrução parcial do óculo, presente na fachada principal, contudo já apresenta sinais de apodrecimento em razão das infiltrações. Encontram-se armazenados dentro da edificação materiais utilizados na reforma. A seguir, imagens da atual foto da Capela:

Figura 9 - A) Forro executado em tábuas de madeira; B) Detalhe do forro: trechos danificados por infiltrações



Fonte: Acervo dos Autores.

DISCUSSÕES

Manifestação popular bem difundida no Brasil, os templos religiosos são uma prática encontrada por aqui desde os primórdios da colonização europeia. Ostetto e Costa (2001, p. 9) enfatizam que

A religiosidade é uma prática cultural vivenciada por diferentes povos. A visibilidade imediata de sua existência nas cidades se materializa na arquitetura dos templos religiosos, nos cemitérios, monumentos referentes a santos, pinturas sacras que se transformam em indícios de uma memória religiosa. São imagens que parecem, diante de um rápido olhar, iguais em todos os lugares. Estes lugares, por si só, não contam suas histórias, seu passado, mas, em

suas paredes, encontram-se registros que podem mostrar as formas como os sujeitos sociais, em diferentes temporalidades, organizavam e organizam a cultura religiosa.

Com efeito, isso pode ser percebido de forma contundente na comunidade de Capilha em relação à Capela Nossa Senhora da Conceição. Mesmo em estado precário de conservação, os moradores da localidade mantêm forte vínculo com o templo. Conforme informações verbais passadas pela comunidade, confiam que a união de esforços entre a comunidade e o interesse público permitirá que voltem a realizar as atividades religiosas de forma apropriada e a receber os visitantes e turistas em segurança.

De forma geral, conforme o levantamento realizado em campo, a edificação está em processo constante de degradação, apesar de intervenções realizadas com o intuito de que a estrutura não ruísse. São visíveis, ainda, diversas patologias, que se repetem pelas fachadas da edificação, caracterizadas por fissura sem maior e menor grau; descolamento de reboco; queda e ausência de parte dos elementos da fachada; trechos de alvenaria expostos a intempéries; vegetação incrustada na estrutura, visível na fachada e no interior da Capela; umidade, apodrecimento e ausência de elementos em madeira nas aberturas; oxidação de materiais ferrosos e grampos presentes na alvenaria, além de intervenções com reboco recentes, executadas com concreto, de forma rudimentar, e substituição do forro de madeira.

Tendo em vista que a Capela não tem recebido adequada manutenção, não obstante os constantes esforços da população para mantê-la de pé e em uso, é visível a degradação de seus elementos materiais provocada pelo tempo. Esses fatores geram instabilidade na estrutura da edificação, acarretando risco de possíveis desabamentos. A insegurança é potencializada na medida em que a edificação, além de ainda ser utilizada de forma improvisada como lugar de culto, recebe considerável número de visitação, principalmente na alta temporada, gerando riscos para as pessoas que passam pelo local.

É nesse sentido que se faz urgente um mapeamento dos danos atuais da edificação, cujas patologias devem ser quantificadas, permitindo o embasa-

mento de ações futuras, necessárias para restabelecer à Capela as condições de uso de forma segura.

Por esses mesmos motivos, o acervo sacro não se encontra no interior da Capela, estando atualmente distribuído entre os integrantes da comunidade, que o salvaguardam até que a edificação tenha condições estruturais de recebê-lo novamente. Entende-se que o levantamento do acervo religioso é imperioso para a identificação e a localização desses bens móveis, já que, segundo relato dos moradores, muitos se perderam, trazendo à tona a insegurança da situação à qual estão submetidos (apesar dos esforços da comunidade para preservá-los). Faz-se necessária, ainda, a inspeção por profissional especialista em obras sacras para a caracterização adequada desse acervo.

Melo e Cardozo (2015, p. 1070) assinalam que as ameaças aos bens culturais são diversas, “[...] desde as causas naturais, dadas pela exposição e pelo tempo, elementos inexoráveis dos patrimônios materiais, como as ameaças advindas das relações sociais”. Ressaltam que isso é mais comum em países politicamente instáveis, pois oscilações destroem os patrimônios culturais.

A destruição dos bens culturais, seja por vandalismo, guerras ou mesmo pela alienação cultural, aflige o mundo inteiro, sendo “[...] um processo de grande perda para a humanidade, pois cada patrimônio perdido é um esforço humano que se perde, é um elemento de humanidade que se esgota” (MELO; CARDOZO, 2015, p. 1070).

Cerqueira (2005) coloca a educação para o patrimônio como uma importante aliada em sua preservação. Destaca o turismo cultural como atividade pedagógica para a formação cidadã, o qual proporciona o diálogo entre o local e o global, de forma que o “[...] turismo, portanto, pode ser uma atividade educadora em escala planetária, com significativa colaboração para o desenvolvimento da consciência, das políticas e das ações públicas para a preservação do patrimônio cultural” (CERQUEIRA, 2005, p. 99).

Para o autor, a educação visando ao patrimônio cultural tem um papel no desenvolvimento regional, seja por seu viés social ou econômico, que se reverte no turismo cultural. “O turismo emerge como possibilidade para a

sustentabilidade, de forma integrada, da preservação das diferentes manifestações do patrimônio cultural e ambiental [...]”, aponta Cerqueira (2005, p. 108).

Camargo (2004) nos lembra que há uma diversidade de bens culturais, os quais são potenciais atrativos para o turismo, e que, da mesma forma, podem promover rendimentos para a sua própria manutenção. Contudo, precisam ser geridos de forma adequada, abrindo novas perspectivas de oferta para os centros receptores.

A Capela do Taim, em alto estado de degradação, mantém-se como atrativo turístico, indicando ao poder público que há interesse nesse bem cultural para além da identificação da comunidade. Sua restauração é de suma importância para aqueles que ali se reconhecem e têm suas histórias e memórias. Do mesmo modo, possibilitaria um maior atrativo ao turismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber, a partir do contato com as pessoas da comunidade, os laços afetivos que há entre a população e a Capela do Taim. Enquanto os levantamentos eram feitos, a cada instante apareciam moradores que faziam questionamentos sobre a previsão do restauro da Capela, mostrando o interesse pelo processo. Esse fato reforça ainda mais o nível da importância histórica, cultural e afetiva da igreja para o lugar.

Apesar de sua conservação precária, a edificação ainda hoje é utilizada pela comunidade. Segundo relato de moradores do entorno, celebrações são realizadas no local pelo menos uma vez por mês, apesar da insegurança gerada pelo estado em que se encontra. A comunidade apresenta grande estima por ela, guardando recordações e relatos de histórias pessoais em relação ao templo ao qual demonstram atenção. Mostram-se, ainda, interessados em saber a respeito de possíveis intervenções que os permitam continuar utilizando-a com segurança. A Capela permanece interditada, e sua chave está sob os cuidados da própria comunidade, que frequentemente realiza atividades no local, bem como a manutenção no entorno próximo da edificação, incluindo a praça frontal.

Observando o exposto, salienta-se, por fim, que para que a prática preservacionista de qualquer patrimônio cultural tenha efetividade, é necessário que os bens patrimonializados, além de serem objetos de preservação e conservação, tornem-se objetos de permanente estudo e avaliação, principalmente no que se refere às questões de apropriação desses patrimônios pela população. Além disso, também devem ser levados em conta em projetos de gestão das cidades, de forma a assegurar a promoção do patrimônio cultural por meio de sua integração na vivência contemporânea e a estimular a apropriação desses bens. Para isso, torna-se necessária a compreensão dos diversos fatores a serem considerados, como as características arquitetônicas, a forma urbana e a relação dos espaços – livres e/ou construídos –, essenciais para a elaboração de orientações que garantam a sua permanência à medida que esses bens são contextualizados e integrados aos modos de vida atuais (PACHECO, 2014, p. 72).

REFERÊNCIAS

ACRUCHE, H. F. **Portugal e Espanha no extremo Sul das Américas: fronteiras, gentes, direitos e soberania (1750- 1830)** – Rio de Janeiro, RJ. 2017. 450 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

ALVES, F. das N.; TORRES, L. H. **Textos do século XVIII para o estudo da ocupação lusitana no Brasil Meridional**. Lisboa: CLEPUL; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2016 (Coleção Documentos 2).

CAMARGO, H. L. Patrimônio e Turismo, uma longa relação: história, discurso e práticas. **Patrimônio: Lazer e Turismo**, [S.l.], [on-line], 2004.

CAMPOS, J. B.; OLIVEIRA, O. A. **Relatório de avaliação de impacto aos bens culturais tombados, valorados e registrados da Capela Nossa Senhora da Conceição “Capela do Taim”, município de Rio Grande/RS: Relatório Final**. Criciúma: UNESC, 2016.

CERQUEIRA, F. V. Patrimônio Cultural, escola, cidadania e desenvolvimento sustentável. **Diálogos – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, [S.l.], v. 9, n.1, p. 91-109, 2005.

COMISSOLI, A. Contatos imediatos de fronteira: correspondência entre oficiais militares portugueses e espanhóis no extremo sul da América (séc. XIX). **Estudios Históricos**, [S.l.], v. 13, p. 1-19, dic. 2014.

DODE, M.; OLIVEIRA, F. de; VALENTINI, R.; THIESEN, B. V.; POUQUET, M. Escavações Arqueológicas na capela do Taim. *In*: MOSTRA DA PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA, 8., Rio Grande, 2009. **Anais...** Rio Grande, RS: FURG, 2009.

LEMONS, C. A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MELO, A. de; CARDOZO, P. F. Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial. **Educação & Sociedade**, [S.l.], v. 36, n. 133, p. 1059-1075, 2015.

MENESES, U. T. B. O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas. *In*: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão**, Ouro Preto/MG, 2009. Brasília, DF: Iphan, 2012, p. 25-39.

MURADÁS, J. **A geopolítica e a formação territorial do sul do Brasil - Porto Alegre, RS**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

OSTETTO, L. C.; COSTA, M. O. Circulando por Lugares Sagrados: Reconhecendo a Memória Religiosa de Criciúma. **Cadernos do Patrimônio Histórico de Criciúma**, Criciúma, n. 1, 2001.

PACHECO, E. M. S. **O papel das normativas na preservação e ocupação do conjunto arquitetônico e paisagístico de São Luís – MA**. 2014. 183 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.

QUEIROZ, M. L. B. **A vila do Rio Grande de São Pedro (1737-1822)**. Rio Grande: Ed. da FURG, 1987.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002 [1881].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG. **Capilla**: Capela Nossa Senhora da Conceição. Projeto de Restauração. Rio Grande/RS: FURG, 2010.